

Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

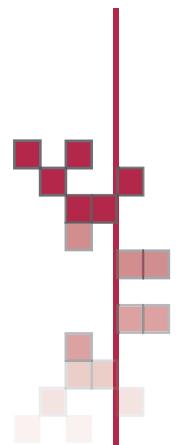
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Bitencourt, Silvana Maria; Freire Rodrigues, Francisco Xavier
"Eu quero ser professor de Sociologia": as influências da Sociologia no ensino médio em
Cuiabá (MT)
Ciências Sociais Unisinos, vol. 51, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 301-308
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93843711008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



"Eu quero ser professor de Sociologia": as influências da Sociologia no ensino médio em Cuiabá (MT)¹

"I want to be a teacher of sociology": A study on the influence of Sociology and the teacher at high school in Cuiabá, Mato Grosso State

Silvana Maria Bitencourt²
silvana_bitencourt@yahoo.com.br

Francisco Xavier Freire Rodrigues²
fxsociologo@yahoo.com.br

Resumo

O trabalho tem como objetivo investigar as motivações que têm levado estudantes a cursar licenciatura em Ciências Sociais na UFMT. Os últimos anos apresentaram algumas mudanças, como a introdução do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/Sociologia/UFMT, as novas abordagens sobre o estágio supervisionado e maior presença de professores habilitados em Ciências Sociais, nas escolas cuiabanas. O impacto dessas mudanças foi investigado em uma pesquisa qualitativa estruturada com entrevistas em profundidade, partindo de roteiro semiestruturado e com uma amostra de oito estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Os resultados indicaram que o perfil dos estudantes mudou. Antes, o curso atraía grande quantidade de estudantes trabalhadores/as e graduados/as, como a maioria dos cursos noturnos. Hoje, o perfil de ingressantes está mais jovem. As motivações destes jovens têm sido duas: admiração por professores inspiradores e a compreensão da Sociologia como uma ciência necessária para desvendar a complexidade que envolve as relações sociais.

Palavras-chave: *sociologia, formação de professores, licenciatura.*

Abstract

This paper aims to investigate the motivations that have led students to the teacher training course on Social Sciences at UFMT. In recent years we can see some changes in this course such as the introduction of the Institutional Program of Initiation into Teaching – PIBID/Sociology/UFMT, new approaches to supervised internship as well as a greater presence teachers qualified in Social Sciences at the local schools. The impact of these changes was investigated in a qualitative research project with in-depth interviews, starting from semi-structured script and with a sample of eight Bachelor's Degree students of Social Sciences. The results indicated that the profile of students has changed. Before, the course attracted lot of working students/graduates, just like most evening courses. Today, the entrants' profile is younger. The motivations of these young people have been twofold: an admiration for inspiring teachers and a view of Sociology as a science required to unravel the complexity involved in social relations.

Keywords: *sociology, teacher training, graduation.*

¹ Versão preliminar desse artigo foi apresentada no IV Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica – Eneseb, realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, entre 17 e 19 de julho de 2015 em São Leopoldo.

² Universidade Federal de Mato Grosso. Rua Fernando Corrêa da Costa, 2367, 78085-100, Cuiabá, MT, Brasil.

Introdução

O trabalho tem como objetivo analisar as motivações que os estudantes de graduação têm apresentado para cursar Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso. Tomando como ponto de partida o aspecto intermitente da disciplina Sociologia na Educação Básica, assim como as dificuldades encontradas na carreira de professor no atual contexto da educação brasileira, procuramos verificar como têm sido construídas estas motivações e se as mudanças ocorridas nas licenciaturas nos últimos anos a partir das novas abordagens de estágio supervisionado, assim como a introdução do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – (PIBID), podem ser consideradas medidas estimuladoras para estes estudantes decidirem pela carreira docente.

Para atingir este objetivo, realizamos entrevistas semiestruturadas³ com estudantes de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), regularmente matriculados nos primeiros semestres do curso. Focamos o roteiro das entrevistas na escolha por licenciatura, portanto, no pressuposto de querer "ser professor de Sociologia".

Vale a pena ressaltar que a escolha de licenciatura leva o estudante a ter que conviver com discursos que contribuem para reproduzir a ideologização das Ciências Sociais em detrimento de uma clara compreensão do que é Sociologia. Estes estudantes precisam compreender para que serve esta disciplina no ensino médio. Eles têm ciência de que na escola o professor de Sociologia presenciará uma disputa de poder frente às outras disciplinas, algumas vistas como mais relevantes no imaginário social do que outras⁴. Outra questão vivenciada é a tradicional disputa entre bacharelado e licenciatura.

Partindo deste raciocínio, este texto foi construído em três eixos. O primeiro descreve a Sociologia e sua presença intermitente no ensino médio e os dilemas frente à sua obrigatoriedade; o segundo delineia a nova configuração das licenciaturas no Brasil – enfatizando o PIBID e os estágios de 400 h –, e o terceiro eixo apresenta as novas gerações de estudantes da Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT.

Sociologia: da ausência à presença no ensino médio

Nos últimos anos, a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no ensino médio tem se apresentado a partir de uma

disciplina cuja história é marcada por uma série de avanços e recuos. De acordo com a pesquisa de Meucci (2000), a institucionalização das Ciências Sociais como disciplina escolar esteve primeiramente vinculada à formação escolar, pois foi a partir dessa inclusão no ensino secundário (1925) e nos cursos normais (1928) que seus conteúdos foram divulgados e passaram a ser pesquisados sistematicamente por autores brasileiros. Nesse sentido, o ensino teve um papel importante na introdução e institucionalização das Ciências Sociais no Brasil (Caregnato e Cordeiro, 2014).

Os primeiros cursos superiores de Ciências Sociais no país foram fundados nos anos de 1933 e 1934. Desde o início, a produção seguiu um viés científico, ficou destinada aos acadêmicos da Universidade (Caregnato e Cordeiro, 2014) e não envolveu o ensino escolar.

De acordo com esta tendência, a formação em Ciências Sociais tem acumulado considerável produção teórica utilizada por diversas áreas de conhecimento. Portanto, historicamente podemos perceber a constituição de um *habitus*⁵ presente na formação acadêmica em Ciências Sociais. Este *habitus* tende a vincular a formação do cientista social mais à pesquisa e às teorias que explicam a realidade do que ao ensino e à prática docente.

Deste modo, os sociólogos deixaram a escola. Como consequência, existem poucos projetos de pesquisa tomando o ensino das Ciências Sociais como objeto de estudo. Isto se torna evidente ao constatarmos que, durante um tempo, as teses e as dissertações sobre o ensino das Ciências Sociais eram na sua maioria de Programas de Pós-Graduação em Educação. Conforme Handfas e Maçaira (2014), a emergência e o interesse dos programas de pós-graduação em Sociologia e Ciências Sociais por pesquisas acadêmicas sobre o ensino de Sociologia começam a se modificar a partir de 2000. Portanto, é recente este interesse dos sociólogos pelo ensino de Ciências Sociais como objeto de investigação (Handfas e Maçaira, 2014).

A disciplina Sociologia esteve ausente no currículo do ensino médio a partir de 1942, e a produção dos cientistas sociais destinou-se aos temas mais tradicionais das Ciências Sociais (Estado, desenvolvimento, religião, trabalho, agricultura, etc.). Com a lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008, a Sociologia voltou à escola como disciplina obrigatória. Sua volta não passou livre de contestações, especialmente se observarmos o discurso da imprensa (Moraes, 2014).

Na análise de Moraes (2014), feita por meio dos pareceres que comentaristas da imprensa teceram a respeito do retorno

³ Nossos agradecimentos a Silvia Matos, acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais e bolsista PIBID/Sociologia/UFMT, por sua colaboração na negociação e realização das entrevistas com os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

⁴ Comparando a realidade da disciplina Sociologia e da Matemática no currículo escolar, por exemplo, a Matemática, por ser uma disciplina considerada a base para as carreiras científicas, contribui para os estudantes que conquistam um bom desempenho nesta disciplina ganharem destaque nas relações sociais construídas e estabelecidas na escola, sendo que não observamos o mesmo destaque para os estudantes interessados, motivados e com bom desempenho em Sociologia (Bitencourt, 2006; Schienbinger, 2001).

⁵ Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera a estrutura as práticas, as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' sem que por isso, seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim ou ao domínio que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim (Bourdieu, 1989, p. 15).

da Sociologia ao ensino médio, podemos verificar como os discursos da imprensa se apoiaram em argumentos que explicitam o desconhecimento da importância das Ciências Sociais para a formação de jovens, ou então em argumentos pautados em comparações da educação brasileira com outros contextos sociais. Neste estudo, o autor constatou discursos jornalísticos que conduzem a análise a um viés eurocêntrico perante o contexto histórico e cultural da educação brasileira.

Houve argumentos como: "a educação brasileira é precária"; "compreender a Sociologia não seria possível, pois os estudantes não apreendem nem as disciplinas básicas". Houve também argumentos que acusam a disciplina de doutrinação marxista e socialista. Ao analisar a incompREENSÃO e o preconceito sobre a volta da Sociologia à escola básica pelos comentaristas da imprensa, Moraes constatou que

Tudo serve como argumento para o que realmente se pretende: denunciar o ensino de Sociologia e Filosofia como pura e simples doutrinação – aliás, mais do que isso: uma verdadeira armação para que o marxismo seja ensinado nas escolas (2014, p. 22).

Nesse sentido, a presença da Sociologia na escola, após a lei que determina sua obrigatoriedade no ensino médio, ainda apresenta dificuldades de consolidar-se enquanto uma disciplina necessária na formação dos adolescentes. Tomando, por exemplo, a formação de licenciados em Ciências Sociais no Mato Grosso, pode-se verificar que o problema dos professores não habilitados na área que atuam na rede da educação básica pode contribuir para os estudantes terem pouca compreensão do que seria o conhecimento científico sociológico. Ainda há muitos professores licenciados que vêm de outras áreas que não as Ciências Sociais.

A pesquisa de Santos (2002) sobre os professores da rede pública de Brasília ilustra melhor esta evidência entre os habilitados e não habilitados em Ciências Sociais. Santos constatou que os professores formados em outras áreas (História, Pedagogia, Geografia, Filosofia) compreendem a Sociologia a partir de uma perspectiva mais prática, considerando seu caráter instrumental. Já os professores formados em Ciências Sociais compreendem a Sociologia a partir de conceitos, categorias e teorias e preocupam-se em ensinar os estudantes a compreenderem/entenderem/interpretarem a realidade social, a complexidade presente nas relações sociais, desenvolvendo a imaginação sociológica.

Nesse sentido, a concepção de Sociologia entre os habilitados tende a preservar o caráter científico da disciplina e da área de saber. Pode-se dizer que o curso de graduação em Ciências Sociais fornece ao estudante um conjunto de teorias, métodos e temáticas próprias da área de conhecimento, garantindo o acesso a certas "competências" particulares das Ciências Sociais.

Por que a Sociologia ainda está sendo pouco compreendida entre os estudantes de ensino médio? A presença de docentes não habilitados tem sido um problema levantado em diversas

pesquisas. Trata-se de uma questão nacional, pois se repete em praticamente todos os estados do Brasil. Em 2007, segundo Lenert (2009, p. 45-46), entre os 20.339 professores que ministram aulas de Sociologia no Brasil na educação básica, apenas 13,3% eram habilitados, ou seja, licenciados em Ciências Sociais ou Sociologia, sendo 22,5% formados em Pedagogia, 19,4% formados em História, 11,4% eram formados em Filosofia e 9,2% eram formados em Geografia.

Partindo deste problema, torna-se importante que os formados em Licenciatura em Ciências Sociais se mobilizem para que as vagas docentes no ensino médio sejam ocupadas por formados/habilitados nesta área. Contudo, ainda não há uma mobilização de professores de Sociologia que articulem esta proposta no Estado de Mato Grosso, pois no atual contexto outros fatores estão "em jogo" no processo de construção da carreira docente para atuar na educação básica.

Sobre a carreira docente, podemos verificar, a partir de estudos (Caldas e Kuenzer, 2009; Assunção e Oliveira, 2009; Gasparini, 2005), que as condições de trabalho vivenciadas por nossos professores e professoras não garantem tempo para articulação política enquanto categoria profissional. Isso faz com que os problemas sejam mais vivenciados no plano individual do que coletivo.

Considerando o imediatismo que marca as relações de trabalho contemporâneas, destacamos que, na área da educação básica, a reforma do ensino que começou a partir dos anos de 1990 tem deixado os professores bastante atarefados com o novo projeto de gestão escolar. Esta nova configuração da escola tem sobrecarregado os docentes, levando-os, muitas vezes, a desempenhar diversas funções na escola. Até suas aulas têm sido sacrificadas para atender outras demandas. Logo, discutir coletivamente sobre suas condições de trabalho torna-se impossível diante da atual gestão do tempo escolar.

Nos últimos anos tem aumentado o número de professores que adoecem com diagnósticos de problemas de saúde física e mental, devido à sobrecarga de trabalho e à falta de tempo para suas vidas pessoais. Sobre esta sobrecarga na carreira docente, as autoras Assunção e Oliveira (2009) comentam que

O processo de intensificação do trabalho vivido pelos docentes das escolas públicas brasileiras na atualidade pode, além de comprometer a saúde desses trabalhadores, pôr em risco a qualidade da educação e os fins últimos da escola, na medida em que tais profissionais se encontram em constante situação de ter de eleger o que consideram central e o que pode ficar em segundo plano diante de um contexto de sobrecarga e hipersolicitação, cujas fontes estão nas infundáveis e crescentes demandas que lhes chegam dia após dia (Assunção e Oliveira, 2009, p. 367).

Além das condições de trabalho, podemos verificar que outras disciplinas também apresentam falta de professores habilitados. Segundo Moraes (2014), o argumento do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso para ter vetado a Sociologia no ensino médio em 2001 não era tão

consistente. Ele alegou que não havia número de habilitados suficientes para ministrar aulas de Sociologia, porém nas disciplinas como Matemática, Química e Física também faltam professores (Moraes, 2014).

Se há habilitados ou não nestas disciplinas, não temos dados para responder no momento, contudo é fato que a carreira de professor não tem sido tão atrativa, o que nos remete ao despr茅stigo e à desvalorização salarial (Caldas e Kuenzer, 2009). Ainda assim, alguns jovens objetivam seguir a carreira de professor de Sociologia.

Apresentada esta problematização, no próximo item, falaremos sobre o novo contexto da Licenciatura em Ciências Sociais a partir do PIBID e demais iniciativas do Ministério da Educação (MEC), juntamente com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Pessoal/CAPES, que parecem ter contribuído para motivar os estudantes a ingressarem na Licenciatura em Ciências Sociais.

A nova configuração da Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT

Nos últimos anos, podemos observar propostas muito positivas, como as novas abordagens sobre o estágio supervisionado, a introdução do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e a experiência do Programa de Bolsas de Iniciação Científica⁶ para o Ensino Médio.

O PIBID foi instituído por meio da Portaria Normativa nº 38 de 12 de dezembro de 2007 do Ministério da Educação (MEC) e inaugurado como ação conjunta desse Ministério por meio da Secretaria da Educação Básica, da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. No conjunto das políticas públicas associadas às ações do Executivo Federal para a promoção de melhoria da qualidade da educação básica desde a década de 1990, o Programa aparece como a proposta mais promissora no sentido de promover integração entre o nível superior de ensino – no qual os professores são formados – e as escolas públicas de níveis fundamental e médio, bem como incrementar a dimensão prática na formação docente a partir de atividades realizadas nas escolas.

O PIBID/Sociologia do curso de Ciências Sociais da UFMT iniciou suas atividades em abril de 2010, contando com 10 bolsas, duas bolsas de supervisão e uma bolsa de coordenação de área e atuando simultaneamente em duas escolas da cidade de Cuiabá

(MT). Procurou desenvolver a formação didático-pedagógica em processo integrado de investigação, elaboração e implementação de ações combinadas. Ao longo de quatro anos, foram realizados dois cursos de extensão abertos à comunidade externa e a rede pública ensino, diversas atividades de extensão sob a forma de grupo de estudo e pesquisa, oito projetos de ensino que geraram roteiros de aula e materiais didático-pedagógicos, aulas e outras atividades nas escolas envolvidas, materiais paradidáticos com vistas à publicação, além de apresentações em importantes eventos nacionais (Relatório Final, 2010, 2011, 2013, 2014, PIBID Sociologia-UFMT).

Em 2014, conseguimos aumentar o número de bolsistas para 15, quando realizamos um conjunto de atividades, tais como (1) Seminário Permanente de Metodologia de Ensino de Sociologia – PIBID; (2) Conversa com o "Professor"; (3) I e II Ciclo de Saberes: "Experiências com o Ensino de Sociologia na Licenciatura em Ciências Sociais"; (4) Projeto de Ensino "Diversidade Cultural: Questão Indígena"; (5) Projeto de Ensino na escola: "Democracia Representativa: das urnas às ruas"; (6) Projeto "Feira das profissões" – Escola Estadual Ferreira Mendes; (7) V Semana Acadêmica; (8) IV Seminário Integrador PIBID e IV Seminário Integrador Tutoria 2014; (9) Resumão ENEM – Escola Estadual Presidente Médici; (10) Participação no IV Seminário Nacional do PIBID, V Encontro Nacional das Licenciaturas, XI Seminário de Iniciação à Docência; (11) Participação no Seminário do ICHS: Humanidades em Contexto – UFMT, 2014; (12) "Reconstrução do Grêmio Estudantil na Escola Estadual Ferreira Mendes"; (13) Apresentação dos resultados parciais da pesquisa acerca da Educação Especial nas escolas públicas desenvolvido com a bolsista Maria Teixeira; entre outros.

Entre as muitas repercussões do PIBID no curso de Ciências Sociais da UFMT, as interlocuções entre vários professores do curso destacam-se por ter contribuído para a criação ou fortalecimento de linhas e grupos de pesquisa, assim como para a inovação das práticas e currículos da Licenciatura – notadamente das disciplinas de Metodologias de Ensino e Estágio Supervisionado I e II. Além disso, também obtivemos produções de Trabalhos de Conclusão de Curso com temáticas relacionadas ao ensino de Sociologia.

Portanto, vê-se que o Programa alcançou resultados modestos, porém consistentes na melhoria da formação dos futuros professores, especialmente quando se considera que o curso de Ciências Sociais da UFMT, desde sua criação em 2003, é oferecido exclusivamente no período noturno, recebe alto percentual de estudantes que já concluíram uma graduação e ingressaram no mercado de trabalho, apresenta altas taxas de reprovação, de evasão ou tempo de permanência excessivamente longo (Scarselli, 2010).

⁶ Neste texto iremos nos ater ao PIBID e à nova abordagem de estágio como elementos que tendem a estimular os estudantes a se motivarem pela docência; contudo, vale a pena ressaltar que o programa de bolsas de Iniciação Científica PIBIC-EM também tem se apresentado como uma possibilidade do estudante de ensino médio reconhecer a importância das Ciências Sociais e suas especificidades enquanto ciência que busca compreender a complexidade presente nas relações sociais. No Programa PIBIC-EM, os estudantes de ensino médio podem ser inseridos em projetos de professores da Universidade, que elaboram um plano de trabalho para o estudante desenvolver durante o período de 12 meses. A experiência tem sido muito positiva, pois os estudantes, a partir de leituras de textos de Sociologia e discussões, ficam interessados em pesquisas e na atividade de pesquisador, portanto em ingressar em um curso na Universidade e conseguir entrar no programa PIBIC em nível de graduação.

Algo bastante significativo para avaliar as dificuldades enfrentadas para a formação dos estudantes do curso e o impacto do PIBID nos três últimos anos é o fato de que poucos estudantes dispõem de tempo e interesse para participar do PIBID. Quando entraram no Programa, os bolsistas do PIBID Sociologia/Ciências Sociais da UFMT não apresentaram, em sua esmagadora maioria, perfil diferente dos demais estudantes do curso: a distância entre o "capital cultural" que lhes é solicitado no curso de Ciências Sociais e "a bagagem" reunida durante a trajetória escolar não é completamente eliminada no curso e, não raro, é traduzida em desinteresse, baixo aproveitamento, reprovações, desistência e evasão.

Para eles, o PIBID não é apenas uma experiência de aprendizado docente em condições de excelência. É, antes de tudo, espaço no qual passam a entender as razões de suas deficiências. É uma boa oportunidade para superá-las durante a graduação. A melhoria de seu desempenho acadêmico demanda tempo e grande atenção do coordenador de área para motivá-los e apoiá-los substantivamente. O trabalho, no contexto descrito, não se restringe à tarefa complexa de traduzir conhecimentos científicos em conhecimentos escolares, mas consiste em estimular nos futuros professores o interesse pelos vários tipos de conhecimentos, saberes e expressões humanas e atuar como mediador entre eles e os conhecimentos específicos e pedagógicos. O coordenador de área tem que motivar e inspirar bolsistas, pois há uma rotatividade muito significativa, visto que muitos bolsistas trabalham ou não conseguem sobreviver apenas com os recursos da bolsa. Outros bolsistas simplesmente não se adaptam ao ritmo de trabalho do PIBID.

O estágio supervisionado, durante muito tempo, esteve pautado em modelos normativos e técnicos. Contudo, hoje, o estágio não deve ser visto como uma disciplina curricular que ensina o licenciado simplesmente a "dar aulas". Segundo as autoras Pimenta e Lima (2005), este entendimento sobre "o que é estágio escolar?" precisa ser rompido, pois a relação entre o estágio e a docência deve ser construída contemplando o ensino e a pesquisa.

Eles argumentam que estágio não é mais um componente curricular, mas um campo de conhecimento que interage com outros campos sociais; portanto, deve ser compreendido a partir de uma perspectiva mais complexa. Nesse sentido, o estágio supervisionado refletido a partir do ensino e da pesquisa pode vir a motivar/atrair o estudante de licenciatura para ser professor. É dentro desta concepção que estamos trabalhando essa disciplina no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais na UFMT.

A representação de licenciado vinculada ao sujeito que apenas "ministra aulas" deve ser rompida porque a docência envolve atualização de conteúdos programáticos, elaboração de

novas metodologias, consulta a diferentes materiais didáticos, portanto, pesquisa.

Vale a pena ressaltar que esta disruptão vem ocorrendo a partir do aumento no ingresso de professores de educação básica em programas de pós-graduação a fim de pesquisar o ensino de Sociologia como objeto de estudo (Handfas e Maçaira, 2014). Assim, aos poucos, as Ciências Sociais vão conquistando espaços acadêmicos nos cursos de graduação e em algumas pós-graduações que concentram linhas de pesquisa, privilegiando esta discussão tanto de maneira direta quanto indireta.

Aumentam os projetos de pesquisa sobre a Sociologia, aprimora-se a formação de professores em Ciências Sociais direcionada a reflexões mais contextualizadas e profundas em termos teóricos e metodológicos. Além disso, o estágio de 400 h tem possibilitado ao estudante ter um maior contato com a escola, realizando observações de campo, analisando a estrutura da escola, sua documentação, aspectos históricos e culturais, contribuindo na construção de aulas que contemplam a realidade escolar vivenciada⁷.

O estágio supervisionado, quando aliado ao uso da etnografia no ambiente escolar, pode contribuir significativamente para estudantes de Licenciatura compreenderem e desenvolverem o olhar investigativo sobre as manifestações que ocorrem na escola. O estágio supervisionado refletido a partir da atividade de pesquisa contribui para o estudante de Licenciatura motivar-se para a vida acadêmica, construir argumentos desde a graduação que a Licenciatura não é só "dar aula". A atual configuração do estágio contribui para fortalecer a relação entre pesquisa e ensino, ou seja, demonstra na prática que para ensinar é necessário pesquisar o cotidiano escolar. A etnografia é uma ferramenta que leva os futuros professores/pesquisadores a refletirem sobre as especificidades da escola em que irão posteriormente intervir. A pesquisa do licenciando no ambiente escolar pode se utilizar de diferentes procedimentos metodológicos e buscar descobrir novas metodologias e práticas pedagógicas.

No próximo item, apresentaremos as motivações para cursar Licenciatura a partir das enunciações/falas dos estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT.

As novas gerações de estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT

Inicialmente, o curso de Ciências Sociais atraía grande quantidade de estudantes trabalhadores e estudantes já graduados que procuravam o curso a fim de "agregar conhecimento". Agora, com um contexto de mais habilitados em Ciências So-

⁷ Como professores da disciplina Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT, temos constatado a dedicação que muitos de nossos estudantes vivenciam com o trabalho de campo na escola, por meio dos relatórios e apresentação de trabalhos. As experiências de aprendizagem/ensino sobre a escola têm sido compartilhadas no final de cada semestre a partir de um ciclo de debates sobre o ensino de Sociologia no ensino médio com base nas experiências dos estudantes.

ciais, pois o curso da UFMT já tem mais de 10 anos, o perfil do estudante tem se alterado. Nossa hipótese inicial era que, devido à inserção do PIBID Sociologia/Ciências Sociais na UFMT, às novas configurações de estágio e ao contato de estudantes com professores habilitados em licenciaturas em Ciências Sociais, os jovens estavam apresentando interesse pela Sociologia e em serem professores desta disciplina na educação básica.

Este interesse, segundo dados de observação de campo, tem se dado devido ao contato que estes estudantes tiveram com a disciplina e os professores de Sociologia no ensino médio. Em março de 2015, durante a semana de recepção dos calouros do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, ouvimos de muitos estudantes que decidiram fazer Licenciatura, pois queriam ser professores de Sociologia. Alguns se diziam inspirados por seus professores, formados em Ciências Sociais. Também comentavam que seu professor de Sociologia os salvava de cursos que não lhes ajudariam a adquirir uma compreensão mais crítica e reflexiva sobre as relações sociais.

Assim, verificamos que os estudantes apresentavam um discurso positivo em relação aos seus professores de Sociologia e à disciplina. Anteriormente, as justificativas mais comuns para a escolha do curso eram "mais fácil de passar, pois pontua menos no ENEM", ou "para estar na universidade, mas queria estar cursando Direito, Medicina ou Engenharia", ou seja, cursos com mais prestígio social. Agora, estas justificativas não apareceram em nossa pesquisa.

Então, constatamos uma aparente mudança no perfil dos estudantes das turmas mais recentes, que são mais jovens e motivados pelas Ciências Sociais e contrastam com os perfis anteriores.

Para analisar esta nova realidade, entrevistamos oito estudantes ingressos no curso entre os anos de 2014 e 2015 e bolsistas PIBID. Nossa objetivo era compreender suas motivações pelas Ciências Sociais e pela carreira de professor da disciplina na educação básica.

A seguir apresentaremos algumas análises parciais da percepção discente sobre o "ser professor de Sociologia" e como têm sido construídas as motivações dos estudantes na decisão pela docência a partir da disciplina no ensino médio.

Alguns alunos relatam que o interesse em ser professor de Sociologia começou no ensino médio, época em que se encantaram pela aula de Sociologia e o modo como o professor conduzia as aulas. Cabe salientar que o professor de Sociologia era formado em Ciências Sociais. Na fala do estudante Matheus⁸, podemos verificar esta influência na decisão.

Foi no cursinho. Eu já tinha terminado o ensino médio, estava no cursinho. Eu tive um professor que dava atualidades. Mas ele dava bastantes teóricos da Sociologia, aí eu passei a gostar bastante né? Acho que foi nesse momento. Eu já tinha bastante interesse na área das Humanas, aí quando

tive contato com ele, que, tipo, ele era bem crítico assim, ele passava bastante autores, Marx, e aí eu comecei a gostar (Matheus, estudante de Licenciatura em Ciências Sociais – 2015.1 e bolsista PIBID).

Em estudos (Rêses, 2010; Sobrinho, 2010) sobre a percepção de estudantes do ensino médio sobre a disciplina Sociologia e estudos sobre professores (Santos, 2002) e a importância da Sociologia (Moraes, 2014), podemos verificar que o entendimento sobre o saber sociológico ainda está bastante vinculado ao pensamento marxista, especialmente quando o estudante entra no curso com o objetivo de exercer algo relacionado à militância e à vida política. Contudo, a Sociologia vista mais amplamente, como uma disciplina necessária para compreender a complexidade presente nas relações sociais, tende a se consolidar como resultado da atuação dos docentes habilitados em Ciências Sociais. Neste sentido, a Sociologia – enquanto disciplina escolar – transita entre o viés da transformação social e o viés da conformação social. Estas compreensões representam a própria complexidade da disciplina e seu vício incontrolável de definir sua função para a sociedade.

Os estudantes também comentaram que gostariam de ser professores de Sociologia pelo fato da disciplina representar um conhecimento útil para a sociedade, que precisa ser democratizado/compartilhado. Consideram-na importante para os indivíduos terem compreensão sobre como são construídas e mantidas as relações sociais. O respaldo científico da Sociologia como uma ciência que surge para compreender a sociedade moderna, logo as relações sociais, contribui para os estudantes valorizarem a Sociologia e o "ser professor" desta disciplina. Além disso, a questão do emprego também apareceu.

Segundo eles, a licenciatura oferece mais possibilidade de emprego, e optar por ela não inviabilizaria fazer pesquisa. A fala deste estudante é bastante ilustrativa nestas questões sobre o conhecimento sociológico:

Assim como, despertou em mim [professor de Sociologia] esse interesse sabe, e quando a gente começa estudar Sociologia, a gente começa a refletir sobre a nossa própria vida sabe, e a sociedade como um todo, de outra forma, completamente diferente da forma como a gente compreendia antes. Eu acho que levar isso para as pessoas pode ser importante sabe? O pensar sociológico, se ele for democratizado com qualidade, ele pode trazer melhorias para sociedade de forma geral, e melhorias para o indivíduo, em qualquer exercício que ele for fazer. Não que o estudante que estuda Sociologia deva virar um sociólogo, mas em qualquer área que ele for trabalhar, engenharia civil, por exemplo, vão pensar na construção de uma avenida, você tem uma noção sociológica sabe, compreender quais são os atores que estão ali do lado sabe? Vamos pensar numa usina hidrelétrica, você construir uma usina hidrelétrica não precisa de conhecimento técnico somente, precisa de conhecimentos culturais e sociais, pensar nas pessoas que moram no entorno

⁸ Todos os nomes citados neste artigo são fictícios a fim de preservar as identidades dos estudantes. Todos cursam Licenciatura em Ciências Sociais na UFMT.

dela, quais serão os impactos daquela construção para a sociedade como um todo, economicamente falando também. Eu acho que levar isso para alunos é muito bom, e... Por conta do emprego também, o cientista social (bacharel) não tem tanto emprego assim. Hoje em dia eu penso em continuar com pesquisa também, mas eu desejo ir para o ensino médio também (João, estudante de Licenciatura em Ciências Sociais – 2014.2 e bolsista PIBID).

O PIBID: para uma visão mais ampla sobre a escola e o professor de Sociologia

Em relação à experiência do PIBID, podemos verificar na fala dos estudantes que os bolsistas reconhecem a importância dela para sua formação. Segundo eles, o PIBID contribui "em sanar" suas deficiências com a escrita, mas também garante uma aprendizagem mais contextualizada na medida em que os estudantes/bolsistas vivenciam o ambiente escolar. As falas explicitam que a experiência de ir à escola tem sido positiva e agregadora para a formação em Licenciatura e para reforçar também a escolha em ser professor de Sociologia. Conforme eles,

O PIBID tem sido importante na minha formação, principalmente na parte das leituras dos textos tanto das matérias e do projeto. Ajudou também um pouco na parte da escrita, colaborou para levar o curso mais a sério. O PIBID, para mim, foi e é uma forma de formação contínua dos estudantes onde ampliamos nossos horizontes. E não ficamos somente dentro de uma caixa quadrada discutindo sobre educação; papel do professor como ele deve agir/fazer numa aula, a gente vai a campo olhar por nós mesmos essas questões, isso é de suma importância na nossa formação como futuros professores (Luiz, estudante de Licenciatura em Ciências Sociais – 2014.1, bolsista PIBID).

O PIBID me proporcionou sentir a experiência de um futuro professor de Sociologia, entrando em contato com o ambiente escolar, inclusive com os professores de diversas áreas ali em atuação. Também permitindo apreender a diversidade cultural dos alunos pelo seu modo de se comportar, vestir e falar, me suscitando reflexões sobre a conjuntura sociocultural multifacetada dos alunos do ensino médio (Martha, estudante de Licenciatura em Ciências Sociais – 2014.2, bolsista PIBID).

A partir do objetivo de pesquisar para ensinar, o PIBID tem sido um meio que garante aos estudantes entenderem e reproduzirem a cultura científica. A fala desta estudante colabora para verificarmos essa tendência: "Pude participar de congressos, nos quais apresentei os trabalhos que foram desenvolvidos nas escolas. O PIBID também me proporcionou um tema de pesquisa para minha monografia" (estudante do curso de Ciências Sociais, bolsista PIBID/Sociologia/UFMT).

Além disso, o PIBID também contribui para o estudante de Ciências Sociais se inserir em projetos que objetivam aprimorar metodologias de ensino em Ciências Sociais para o ensino médio.

O PIBID possibilita a experiência docente, e é isto que se caracteriza como o diferencial na formação de um futuro professor. Tal experiência permite que o bolsista obtenha mais clareza sobre sua futura profissão e sobre os métodos mais adequados de ensino para os contextos socioeducativos em que o mesmo entra em experiência direta. De modo a desenvolver seus próprios meios de ensinar, de acordo com suas potencialidades subjetivas em relação com as condições objetivas do ambiente escolar (Maria, estudante de Licenciatura em Ciências Sociais – 2015.1, bolsista PIBID).

Segundo Gonçalves e Lima Filho (2014, p. 92), a proposta mesmo do PIBID é "aproximar o aluno bolsista da atividade de prática do professor, permitindo-lhe apreender estratégias, metodologias e o cotidiano da sala de aula, acompanhando as atividades corriqueiras da prática docente [...]".

Algumas considerações

A partir do exposto, observamos que este novo contexto do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT apresenta estudantes mais motivados para a construção de uma carreira docente na educação básica. Constatamos que o novo perfil de egresso é fruto da relação positiva que estes estudantes afirmam terem estabelecido desde o ensino médio com os seus professores de Sociologia e da compreensão sobre a importância do conteúdo desta disciplina para a sociedade em geral.

Portanto, esta compreensão sobre as Ciências Sociais no ensino médio tem ocorrido a partir da relação que os estudantes tiveram com seus professores, que eram graduados em Ciências Sociais. Ter aulas com professores graduados em Ciências Sociais (e não em outras áreas) parece estar influenciando a escolha do curso de Licenciatura em Ciências Sociais de forma "consciente" e "reflexiva".

O PIBID também tem se apresentado como uma nova motivação para os estudantes permanecerem no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, pois o contato com as escolas a partir do trabalho de campo e a construção da relação entre pesquisa e ensino têm motivado nossos estudantes a participarem de seminários e oficinas, entre outras possibilidades de construção de conhecimento, ampliando e aprimorando a reflexão e o diálogo sobre o ser professor de Sociologia na educação básica.

Deste modo, este "querer ser professor de Sociologia" expresso na fala de um grupo de estudantes ingressos no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT tem indicado, além de uma evidente mudança no perfil do estudante de Licenciatura em Ciências Sociais, também uma necessidade destes candidatos a professores se afirmarem no contexto da Universidade. O novo professor de Sociologia está se formando com uma identidade livre de representações ou ideologizações negativas, ainda atribuídas à disciplina de Sociologia e a seus professores.

Referências

- ASSUNÇÃO, A.Á.; OLIVEIRA, D. 2009. A intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educação e Sociedade*, 30(107):349-372. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n107/03.pdf>. Acesso em: 10/08/2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302009000200003>
- BITENCOURT, S.M. 2006. *Existe um outro lado do rio? Um diálogo entre a cultura da engenharia e relações de gênero no Centro Tecnológico da UFSC*. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 167 p.
- BOURDIEU, P. 1989. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 311 p.
- CALDAS, A.; KUENZER, A. 2009. Trabalho docente: comprometimento e desistência. In: F. FIDALGO et al. (org.), *A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade*. Campinas, Papirus, p. 19-48.
- CAREGNATO, C.E.; CORDEIRO, V.C. 2014. Campo científico-acadêmico e a disciplina de Sociologia na escola. *Educação & Realidade*, 39(1):39-57. <http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000100004>
- GASPARINI, M.S. 2005. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, 31(2):189-199. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf>. Acesso em: 10/08/2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000200003>
- GONÇALVES, D.N.; LIMA F.I.P. 2014. Aprendendo pela pesquisa e pelo ensino: o PIBID no processo formativo das licenciaturas em Ciências Sociais. *Revista Brasileira de Sociologia*, 2(3):81-100.
- HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J.P. 2014. A produção científica sobre o ensino de Sociologia na Educação Básica. *BIB*, 74(2):43-59.
- LENNERT, A.L. 2009. *Professores de Sociologia: relações e condições de trabalho*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 129 p.
- MEUCCI, S. 2000. *A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 158 p.
- MORAES, A.C. 2014. Ciência e ideologia na prática dos professores de Sociologia no Ensino Médio: da neutralidade impossível ao engajamento indesejável, ou seria o inverso? *Educação & Realidade*, 39(1):17-38. <http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000100003>
- PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. 2005. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poiesis*, 3(3-4):5-24. Disponível em: <http://www.revisitas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 10/08/2015.
- RELATÓRIO FINAL. 2010. PIBID/Sociologia/UFMT. Cuiabá, UFMT, 113 p.
- RELATÓRIO FINAL. 2011. PIBID/Sociologia/UFMT. Cuiabá, UFMT, 215 p.
- RELATÓRIO FINAL. 2013. PIBID/Sociologia/UFMT. Cuiabá, UFMT, 230 p.
- RELATÓRIO FINAL. 2014. PIBID/Sociologia/UFMT. Cuiabá, UFMT, 222 p.
- RÊSES, E.S. 2010. Sociologia no ensino médio: o que os alunos pensam? In: D.D. OLIVEIRA et al. (org.), *Ensino de Sociologia: currículo, metodologia e formação de professores*. Goiânia, UFG, p. 111-135.
- SANTOS, M. 2002. *A Sociologia no Ensino Médio: o que pensam os professores da rede pública do Distrito Federal*. Brasília, DF. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 191 p.
- SCARSELLI, M.B. 2010. *Evasão e permanência no Ensino Superior: perspectivas dos estudantes de Ciências Sociais*. Cuiabá, MT. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Mato Grosso, 79 p.
- SCHIENBINGER, L. 2001. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, Edusc, 384 p.
- SOBRINHO, H.S. 2010. Eu odeio/adoro Sociologia: sentidos que principiam uma prática de ensino. In: D.D. OLIVEIRA et al. (org.), *Ensino de Sociologia: currículo, metodologia e formação de professores*. Goiânia, UFG, p. 85-109.

Submetido: 11/08/2015
Aceito: 09/11/2015